

# BA KA KHOSA, Ungulani. **Entre memórias silenciadas.** Maputo, Moçambique. Ed. Alcance, 2013. 226p

Fernanda Gallo\*

Em uma noite de agosto de 2013, Ungulani Ba Ka Khosa lançou seu sétimo livro, no Museu de Artes Naturais, em Maputo, Moçambique. Estavam presentes personalidades locais, incluindo parte do alto escalão do governo. Seu discurso foi árido e produziu uma incômoda analogia entre o atual contexto político moçambicano e o contexto do livro: o das questionáveis ações empreendidas no pós-independência. Período no qual o personagem Antônio, resume “um grande campo de tênis privado onde os pequenos donos se limitam a estender a rede a seu belo prazer em locais que acham seus, por direito adquirido nas matas de libertação. Um direito circunscrito a pequena elite.” (KHOSA, 2013, p.101).

**Entre as memórias silenciadas**, Ungulani Ba Ka Khosa, nome *tsonga* de Francisco Esau Cossa, dilui o passado no presente, a ficção na realidade, fazendo da literatura um vivaz espaço para o debate político. Cofundador da revista **Charrua**, Khosa, assim como João Paulo Borges Coelho, Mía Couto, Paulina Chiziane e outros escritores moçambicanos contemporâneos, produzem uma literatura, de certa forma, desencantada com a utopia do pós-independência. Suas obras demonstram os conflitos e, sobretudo, a distância existente entre os governantes da Frente de libertação de Moçambique - FRELIMO, no poder desde 1975, das formas de ser/criar dos povos moçambicanos.

Khosa desponta como um dos mais provocativos escritores moçambicanos, tendo recebido diversas premiações como o Prêmio José Caveirinha (2007) por **Os sobreviventes da noite** e o Grande Prêmio de Literatura Moçambicana (1990) por **Ualalapi**, considerado um dos cem melhores livros africanos do século XX. Lamentavelmente, Khosa nunca foi editado no Brasil.

A obra **Entre memórias silenciadas**, dividida nos atos da orquestra de marimbas, centra-se em dois principais núcleos: na relação de três prisioneiros em um campo de reeducação, na distante Província do Niassa, e na de quatro amigos

---

\* Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Esta resenha é parte dos resultados da pesquisa “Deslocamentos populacionais na Província de Tete, Moçambique”, desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

na capital Maputo. De forma perspicaz, ao supostamente dividir os dois grupos nos chamados universos rural e urbano, o autor propõe a imbricação entre ambos.

No campo de reeducação (destinado aos supostos tribalistas, curandeiros, improdutivos, reacionários), o velho Tomás, homem de expressões proverbiais, percorre o tempo pintando cruces nas palhotas dos mortos ou quase mortos. Armando, um dissidente do exército, homossexual assumido, passa os dias fumando estrume seco de elefante e conversando com Gil, levado ao chamado norte profundo por “incitar a prostituição” no seu bairro Mafalala.

A vida na reeducação, ferida não cicatrizada na história de Moçambique, tem como ponte o personagem central Pedro, irmão de Gil, e suas relações com os amigos Mario, José e Antônio na boêmia Maputense. Com maestria, Khosa explora a complexidade psicológica de personagens como Lotasse, pai de Pedro, que deixou a terra ancestral e emigrou para a cidade após o trauma de ver o pai matar seu boi predileto para um ritual familiar. Através dele, narra-se a vida em Lourenço Marques, antigo nome de Maputo no período colonial. Tempo do Cine Teatro Gil Vicente, do nascimento da Marrabenta, expressão cultural do sul, e da inesquecível boémia da rua Araújo. Já Pedro vive um misto de êxtase e melancolia acompanhado do amigo Mario, cujo pai foi acusado de “comprometido” com o regime colonial; de Antonio, o “branco preto”, entusiasta da revolução sempre a vomitar frases prontas da cartilha socialista e, finalmente, de José, que traficava sutiãs e calcinhas das cooperantes brancas, com quem transava, para as prostitutas do seu subúrbio.

Parágrafo a parágrafo, Khosa vai manifestando “a edificação de uma nova moral em catecismos inventados na hora” (KHOSA, 2013, p. 65), de um país que, passada a febre da independência, construiu uma fictícia igualdade doutrinária, visível na corrupção dos cartões de consumo, nas prateleiras vazias das lojas do povo e das adegas cheias na casa dos comandantes. Dos comícios obrigatórios à caça dos considerados improdutivos, vemos a negação do próprio povo moçambicano “feito de sacos de diferentes feitios” (KHOSA, 2013, p. 82).

Mais do que propor uma leitura crítica das opções políticas feitas no país, a obra aponta caminhos metafóricos interessantes. Em referência à cosmologia operante nos indivíduos, Pedro deixa os fantasmas da cidade após sonhar seguidamente com baratas fazendo sexo e se automutilando. O sonho seria um sinal espiritual interpretado por um curandeiro que “limitou-se a indicar o caminho da ancestralidade desconhecida, aos avós de que não tinha memória, à mátria terra de campas estranhas e obliteradas pela revolução.” (KHOSA, 2013, p. 218). Deixando para trás o cimento, fardas, discursos, cafés, casas nacionalizadas,

---

dinamizadores, comprometidos, Pedro volta, sem nunca ter ido, para a terra da família *Chibindzi* que há muito o aguardava. Lá escolhe um boi, animal que levou o pai a emigrar para a cidade, dá seu próprio nome a ele e, assim, assume seu chão. Um chão sólido, cujo poder é desconsiderado pelas palavras vazias das cartilhas dogmáticas.

**Entre memórias silenciadas**, uma espécie de releitura da obra **No reino dos abutres** (2001), do próprio Ungulani, foi lançado pouco antes das eleições autárquicas de Moçambique, momento em que o país, por um lado, viu ressurgir antigas rugas dos conflitos da chamada guerra dos 16 anos (1977-1994) e, por outro, vivencia a avalanche de investimentos internacionais. A alteração do título parece indicar que, mais do que importar modelos de fora, talvez as respostas estejam na vontade política de escutar e dialogar, a sério, com os diversos personagens de dentro, até então silenciados.

Submetido em: 23 de junho de 2015.

Aceito para publicação em: 09 de outubro de 2015.

